



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

CURSO DE LETRAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

VIVIANE MARIA DOS SANTOS

**LITERATURA INDIANISTA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO
NACIONALISMO EM I-JUCA PIRAMA**

Picos

2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 15h horas do dia dezessete de julho de dois mil e vinte e um, no canal **Nau Literária**, no YouTube, *link* <https://www.youtube.com/watch?v=KgkDur-FKxY>, ocorreu, ao vivo, a sessão de **Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Curso** da aluna **VIVIANE MARIA DOS SANTOS** do Curso de Letras, da Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, com o título **LITERATURA INDIANISTA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO NACIONALISMO EM I-JUCA PIRAMA**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Profª Drª Cristiane Feitosa Pinheiro (orientadora –presidente), Prof. Dr Welbert Feitosa Pinheiro (1º examinador) e Profª Esp. Roseângela Ferreira Belo (2º examinador). Após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido da avaliação e de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na sala virtual do Google Meet *link* <https://meet.google.com/kev-gtan-wnn>, tendo a aluna obtido as seguintes notas: 10,0, 10,0 e 10,0. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **10,0**. E para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 17 de julho de 2021.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Profª Dra Cristiane Feitosa Pinheiro
Presidente

Profª Dr Welbert Feitosa Pinheiro
1º examinador

Roseângela Ferreira Belo
2º examinador

LITERATURA INDIANISTA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO NACIONALISMO EM I-JUCA PIRAMA¹

Viviane Maria dos Santos²
Cristiane Feitosa Pinheiro³

Resumo

A pesquisa justifica-se pela importância de compreender como a identidade nacional brasileira por meio da construção do símbolo do índio e de como os contextos político e cultural influenciaram para a produção literária indianista. Dessa maneira, durante a primeira fase do romantismo no Brasil, predominou-se a busca por uma identidade genuinamente brasileira, ocasionando, assim, a exaltação da pátria. Diante do exposto, a pesquisa tem como problemática o seguinte questionamento: como se deu o processo de construção do nacionalismo, na obra de Gonçalves Dias, com base no poema I-Juca Pirama? Como objetivo, analisar o processo de construção do nacionalismo com base literária no poema I-Juca Pirama. A pesquisa propõe também apresentar o processo de elaboração do indianismo brasileiro na poesia romântica de Gonçalves Dias e identificar como acontece o desenho do nacionalismo na obra de Gonçalves Dias, tendo por referência o poema I-Juca Pirama. A metodologia trata-se de pesquisa bibliográfica baseada em livros, teses de doutorado e monografia, principalmente nos estudos de Bosi (2017), Candido (1999; 2000) e Kothe (1987), entre outros autores que contribuíram para o aprimoramento das discussões. Pode-se observar nos resultados da análise do poema que a construção do nacionalismo se deu através do protagonista da narrativa como herói moldado pelas aventuras e (des)venturas na tribo inimiga por meio do enredo construído pela linguagem específica e diálogos elaborados.

Palavras-chave: Romantismo. Indianismo. Nacionalismo. Gonçalves Dias.

Abstract

The research is justified by the importance of understanding how the Brazilian national identity through the construction of the symbol of the Indian and how the political and cultural contexts influenced the Indian literary production. Thus, during the first phase of romanticism in Brazil, the search for a genuinely Brazilian identity predominated, thus causing the exaltation of the homeland. Given the above, the research has as its problem the following question: how was the process of building nationalism in the work of Gonçalves Dias, based on the poem I-Juca Pirama? As an objective, to analyze the process of construction of nationalism with a literary basis in the poem I-Juca Pirama. The research also proposes to present the process of elaboration of Brazilian Indianism in the romantic poetry of Gonçalves Dias and identify how the design of nationalism occurs in the work of Gonçalves Dias, with reference to the poem I-Juca Pirama. The methodology is bibliographic research based on books, doctoral theses and monographs, mainly in the studies of Bosi (2017), Candido (1999; 2000) and Kothe (1987), among other authors who contributed to the improvement of the discussions. It can be observed in the results of the analysis of the poem that the construction of nationalism occurred through the protagonist of the narrative

¹ Artigo apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, da Universidade Federal do Piauí, ministrada pela Prof. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro.

² Acadêmica em Letras – Português, pela Universidade Federal do Piauí, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI-CSHNB).

³ Doutora e Mestre em educação (UFPI) e professora do Curso de Letras, na área dos Estudos Literários, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros.

as a hero shaped by the adventures and (un)ventures in the enemy tribe through the plot built by the specific language and elaborate dialogues.

Keywords: Romanticism. Indianism. Nationalism. Gonçalves Dias.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em meados de 1850, o Brasil passava por transformações políticas e culturais. Consequentemente, após a Independência do Brasil surge uma nova mentalidade nacionalista no povo brasileiro que almejava valorizar a nova realidade, negando tudo que derivava da cultura portuguesa.

Nesse cenário, inúmeros autores sentiram a necessidade de retratar um passado e uma tradição que representasse, de fato, os brasileiros. Seguindo esse contexto, o autor Gonçalves Dias (1823/1864) publicou sua obra *Últimos Cantos* (1851).

Dentro da referida obra, encontra-se o poema intitulado *I-Juca Pirama*, que traz um personagem (o índio) que retrata o passado histórico e a herança nacional. A fonte da pesquisa é a referida obra em que o recorte do poema é feito, em seguida, a seleção de alguns trechos do poema que correspondem aos dez cantos é o *corpus* utilizado na análise para o desenvolvimento do artigo.

O poema foi escolhido por ser símbolo da construção da identidade brasileira e por fazer a construção do herói de forma mais minuciosa, sobressaindo-se, assim, das demais Poesias Americanas.

A pesquisa justifica-se ainda pela relevância em compreender como a promoção da identidade nacional brasileira, por meio da construção do símbolo do índio, e de como os contextos político e cultural influenciaram na elaboração de uma literatura nacional e indianista.

Dessa maneira, durante a primeira fase do Romantismo no Brasil, predominou-se a busca por uma identidade genuinamente brasileira, ocasionando, assim, a exaltação da pátria.

Assim, as motivações científicas decorrem do entendimento de que vários autores sentem a necessidade de mostrar a história do brasileiro, com ênfase em Gonçalves Dias que, ao criar o poema *I-Juca Pirama*, apresentou um país em que

surgia uma nova sociedade, além de considerar que o autor foi pioneiro na discussão, como também é importante analisar a figura do índio levando em consideração suas características nacionais, o contato com o português fez crescer estes elementos específicos durante o texto literário em versos.

Nesse sentido, devido às terras estarem habitadas quando os portugueses aqui chegaram, o índio torna-se símbolo da identidade que os autores da época buscavam expressar em suas obras, tornando o ambiente do aborígine um tema frequente na primeira fase romântica.

Diante do exposto, a pesquisa tem como problemática o seguinte questionamento: como se deu o processo de construção do nacionalismo, na obra de Gonçalves Dias, com base no poema *I-Juca Pirama*?

Portanto, o presente artigo tem como objetivo geral analisar o processo de construção do nacionalismo brasileiro com base literária do poema *I-Juca Pirama*. A pesquisa propõe como objetivos específicos: a) apresentar o processo de elaboração do indianismo brasileiro, na poesia romântica de Gonçalves Dias; b) identificar como acontece o desenho do nacionalismo na obra de Gonçalves Dias, tendo por referência o poema *I-Juca Pirama*.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada em livros, dissertações e artigos, principalmente no que se refere aos estudos de Bosi (2017), Candido (1981; 2000) e Kothe (1987), entre outros autores que contribuíram para o aprimoramento das discussões em literatura.

Dessa forma, a pesquisa se enquadra na abordagem qualitativa, uma vez que buscou entender como ocorreu o processo de construção do herói nacional e como o contexto político da época influenciou os autores na busca da identidade nacional, fazendo-se necessário o cruzamento dos levantamentos com toda a pesquisa bibliográfica feita.

O trabalho está dividido em introdução, referencial teórico que aborda sobre o Romantismo brasileiro, a formação do Indianismo por Gonçalves Dias e relações entre o processo de construção do Nacionalismo tendo por referência a obra *I-Juca Pirama*, e os resultados e discussões referentes à análise.

2 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL ATRAVÉS DO INDIANISMO ROMÂNTICO

A estética romântica se desenvolveu, através da literatura, no pós-chegada da família real ao Brasil em 1808, em que ela deixaria de ser colônia de Portugal.

O Romantismo, como um dos principais movimentos de arte do século XIX, surge de ideias inspiradas na Revolução francesa e na Revolução industrial. O marco inicial do Romantismo no Brasil foi a obra *Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães, no ano de 1854.

O foco da pesquisa recairá sobre a geração Indianista caracterizada pelo retorno à natureza, portanto, exaltação, a criação de um herói nacional sendo o índio essa figura que representa o povo brasileiro. O resgate ao povo indígena indicada pelo nome da primeira geração se utiliza também de sentimentos ufanistas referidos ao amor pela pátria e aos sentimentos de religiosidade. Os principais representantes da geração são: Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães e Araújo Porto Alegre.

Candido (1999, p. 31) aborda algumas questões pertinentes ao panorama da literatura brasileira. O autor se refere ao Romantismo e à relevância que os intelectuais tiveram na constituição do Romantismo no Brasil, nos seguintes termos:

os intelectuais tiveram papel importante e a literatura adquiriu novas tonalidades, com a poesia patriótica, o ensaio político, o sermão nacionalista, fazendo dessa fase entre o fim do século XVIII e o advento do Romantismo, nos anos de 1830, um momento de intensa participação ideológica das letras. Do ponto de vista estritamente literário, a produção foi secundária, para dizer o menos. [...] assume conotação francamente patriótica o nativismo pitoresco, que vinha do fundo dos tempos coloniais, assim como a celebração dos feitos militares do passado. [...] com a Independência desenvolveu-se cada vez mais a consciência de que a literatura brasileira era ou devia ser diferente da portuguesa, pois o critério da nacionalidade ganhou no mundo contemporâneo uma importância que superou as considerações estéticas.

A estética romântica retrata o predomínio de se criar uma manifestação do país e do eu coletivo que representam a sociedade da época. Por isso, a transformação da temática indígena como representação de um símbolo nacional acaba por legitimar o caráter brasileiro presente na prosa e, conseqüentemente, na poesia (CANDIDO, 1999). De acordo com o autor, o Romantismo sofreu interferências de outras artes que não a prosa, desse modo:

Ora, durante o Romantismo deu-se uma invasão ainda mais completa da poesia pela música, devido não apenas ao emprego sistemático dos procedimentos métricos mais melodiosos, mas porque generalizou-se o hábito de musicar poemas eruditos. Este traço une os dois períodos e contribui em ambos, mas sobretudo no Romantismo, para dar à poesia uma penetração popular maior, quebrando a separação abrupta entre cultos e incultos num país onde os homens instruídos eram pequena minoria (CANDIDO, 1999, p. 39).

O Romantismo, portanto, enquanto movimento estético, político, artístico e filosófico representa um dos movimentos que mais se desenvolveu pelo Brasil e pelo mundo devido à representação social do movimento no que se refere à prosa e à poesia, marcada pelas três gerações românticas no Brasil e por duas gerações em Portugal.

Desenvolveu-se por conta do processo de industrialização provocado pela Revolução industrial, que expressa sentimentos de descontentamento devido às rupturas que as classes sofreram. Assim, para Kothe (1987, p. 53), “apesar do Romantismo no Brasil ser em geral mais caracterizado pela poesia do que pela prosa, o Romantismo europeu viu originalmente no romance o seu gênero por excelência, aquele gênero que reunia em si todos os demais gêneros, tornando-se como que síntese e sinônimo de literatura”.

Por sua vez, o objeto centralizado da visão romântica é o eu (sujeito), esse eu romântico pode ser capaz ou não de resolver os problemas da sociedade, lançando-se a uma espécie de fuga da realidade, sendo o sonho, o devaneio e a imaginação características notórias na construção do cenário romântico.

O Romantismo, assim, foi um movimento centrado no eu, que representou as angústias, anseios e identidade de um povo, tal identidade, portanto, que ainda estava em construção.

2.1 Indianismo e nacionalismo

No continente europeu, a figura dos cavaleiros medievais simbolizava a figura do bom herói, forte, corajoso, destemido e que lutava pelas ideias de seu povo. Influenciados pela figura do herói, no Brasil, através da visão romântica de cunho nacional, o movimento estético apresenta a figura do herói nacional.

Ele é construído através da cultura indígena, sendo o índio considerado como o herói nacional. Conforme Leitão e Ipiranga (2011, p. 3), a respeito do herói, “[...]guarda-se sempre no termo herói a ideia de um ser idealizado. Talvez isso ocorra por haver, no senso comum, resquícios de Romantismo envolvendo a palavra. No entanto, nem sempre o é. O herói é aquele personagem que domina toda a sistemática da obra, é a dominante”.

O personagem, em questão, é encarado como fator essencial na construção das narrativas, sejam em versos ou em prosa. A composição do herói reflete um modelo que apresenta todo o aspecto de coletividade da sociedade, sendo uma confluência de “todas as forças atuantes da estrutura social”, em que os aspectos desse personagem podem ser uma mistura dos elementos reais das sociedades como da recriação de elementos por meio da ficção (LEITÃO e IPIRANGA, 2011). Segundo Candido (1999, p. 37), a respeito do Indianismo:

Mediante essa transfiguração, o indianismo foi importante histórica e psicologicamente, dando ao brasileiro a ilusão compensadora de um altivo antepassado fundador, que, justamente por ser idealizado com arbítrio, satisfaz a necessidade que um país jovem e em grande parte mestiço tinha de atribuir à sua origem um cunho dignificante. Serviu inclusive para mascarar (como disse Roger Bastide) a herança africana, considerada então menos digna, porque o negro ainda era escravo e não fora idealizado pelas literaturas da Europa, que, ao contrário, fizeram do indígena um personagem cheio de encanto e nobreza, como se deu na obra de Chateaubriand e, na América do Norte, na de Fenimore Cooper. No entanto, esteticamente o Indianismo foi bem fraco e se desgastou no tempo de uma geração. A produção que suscitou está esquecida, salvo alguns poemas de Gonçalves Dias e algumas narrativas de José de Alencar, figura dominante do nosso Romantismo, autor de romances indianistas como *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1863), sendo que este é mais um poema em prosa. Ambos foram sempre populares e até hoje são estimados e lidos em larga escala, graças sobretudo à sedução do estilo e à convenção ao mesmo tempo sentimental e heroica que rege a caracterização dos personagens. O Indianismo foi um fenômeno de adolescência nacionalista na literatura brasileira.

O Indianismo, assim, apesar de sua incidência restrita a literaturas nacionais de países colonizados, teve sua relevância na literatura brasileira, pois conferiu a noção de Nacionalismo a nossa literatura. O índio como herói legitima a figura de herói nacional, que representa nosso povo, raízes, costumes e identidade. A legitimação do índio

representa a presença desses povos no país antes mesmo dos colonizadores chegarem, o que suscita a ideia de pureza, assim como da natureza ainda pouco explorada.

É pertinente ressaltar que a ideia que os europeus tinham a respeito dos nativos era distorcida, pois eles eram caracterizados como selvagens e sem educação. Por meio das diferenças da civilização com a cultura dos povos indígenas, pela realização de rituais e por alguns grupos comerem carne humana, eram considerados como seres desumanos.

Essas representações dos índios foram desconstruídas tardiamente devido ao movimento romântico, em que a representação do índio como figura de herói nacional começa a construir uma literatura que seja genuinamente brasileira (LEITÃO e IPIRANGA, 2011).

O resgate a uma identidade nacional iniciava a partir das produções escritas da estética romântica indianista que buscava aproximar as produções da realidade que o Brasil passava no que se refere ao contexto social.

O Nacionalismo ufanista provocou um acultramento de nossa identidade, distorcendo visões preconceituosas a respeito do povo indígena que se tinha desde a colonização. Os responsáveis pelas produções foram os escritores Gonçalves Dias e José de Alencar que representavam a mitificação do índio como símbolo nacional.

No Indianismo, segundo Candido (2000), os escritores tinham como intuito ir contra a visão dos portugueses a respeito do povo indígena, com isso eles buscavam apresentar os costumes, a língua e cultura do povo indígena acrescentando elementos de fantasia e imaginação nas narrativas da primeira geração romântica – indianismo.

2.2 Gonçalves Dias, o poeta indianista

Antônio Gonçalves Dias, conhecido popularmente por Gonçalves Dias, nasceu na cidade de Caxias no Maranhão, em 10 de agosto de 1823. Foi poeta, professor, etnólogo e crítico de história.

O poeta é filho de um comerciante português e uma mestiça que viveram uma situação complicada, devido ao preconceito por ser fruto de uma mistura de “raças”. Como o próprio autor dizia, era “descendente das três raças que formaram a etnia brasileira” (BOSI, 2017, p. 109). Durante sua infância, ajudou no comércio do seu pai na medida em que também recebia a sua formação escolar.

Gonçalves Dias foi um dos primeiros poetas a surgir no cenário romântico, com a proposta que mais tarde ficou conhecida como primeira geração romântica – indianismo. Inspirou-se na poesia romântico-nacionalista de Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Feliciano de Castilho.

Durante a época em que permaneceu em Coimbra, devido a seus estudos, escreveu parte relevante de suas obras, inclusive o notório poema “Canção do Exílio” em que ele expressa através do poema o sentimento de exílio por estar distante do seu país de origem a partir do sentimento de solidão.

A seguir, o poema *Canção do Exílio*, a título de exemplificação como um dos poemas mais emblemáticos do autor:

Canção do Exílio – Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves, que aqui gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.
 Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas têm mais flores,
 Nossos bosques têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.
 Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer eu encontro lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar sozinho, à noite
 Mais prazer eu encontro lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que disfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Nos versos do poema é possível observar a exaltação da pátria ao se referir às palmeiras, flores e ao sabiá. Também é notável o saudosismo em relação à terra natal do autor. Além disso, é possível notar a musicalidade presente nos versos, através das rimas e da aliteração empregada na consoante *s* em determinados versos.

Em 1846, publica a obra *Primeiros Cantos*, nos anos seguintes publica suas demais obras como *Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão (1848)* e *Últimos Cantos (1848)*. Foi nomeado no Colégio Pedro II, em 1845, professor de latim e história do Brasil. Participou de várias revistas e jornais com algumas publicações, por sua vez, nos anos seguintes funda a Revista Literária Guanabara.

Ao regressar para o Maranhão, o poeta se apaixona por Ana Amélia, entretanto, devido ao fato de ser mestiço a família proíbe que eles se casem pelo preconceito da família da moça, desse modo, ele mais tarde se casa com Olímpia da Costa.

O poeta morre em 1864, em um naufrágio na cidade do Maranhão, quando o navio francês *Ville de Boulogne* afunda e o poeta falece.

Segundo Bosi (2017, p. 110), Gonçalves Dias inspirado no mito do bom selvagem⁴ utiliza em suas produções tal característica focada no retorno à natureza e a paixão pelas origens, assim:

[...]é preciso ver na força de Gonçalves Dias indianista o ponto exato em que o mito do bom selvagem, constante desde os árcades, acabou por fazer-se verdade artística. O que será mais tarde, é nele matéria de poesia. A ideia de bondade natural dos primitivos, esboçada por Montaigne nos *Essais*, à vista dos testemunhos que os viajantes traziam da América, vinculou-se no Renascimento ao mito da idade de ouro. E embora os textos de não poucos desses viajores e dos missionários fossem contraditórios, frisando ora, a selvageria, ora a docilidade dos nativos, conforme o momento e o contexto, firmou-se uma leitura intencional dos documentos, que contrapunha à malícia e à hipocrisia do europeu a simplicidade do índio.

Assim, a ideia de um Indianismo épico pautado na retomada do mito ao bom selvagem apresentado por Jean-Jacques Rousseau que retorna a um homem extraído da natureza a partir da figura de um herói nacional, que é o índio. Os mitos, nessa

⁴ Rousseau busca, assim, uma natureza humana selvagem, pura, sem a mácula causada pelo mundo corrompido pela civilização. É o famoso mito do bom selvagem, ser íntegro e primitivo, tão amplamente retomado pelos autores românticos. Esse homem está oculto no interior de cada homem, possui a essência de todos os homens, a liberdade. Mas, uma liberdade não apenas social, também emocional, sentimental. Ao localizar na vida social a fonte da corrupção humana, Rousseau estabelece um profundo pessimismo no tocante à sociedade e à civilização, que se estenderá ao espírito romântico. O homem romântico é um eterno insatisfeito, que não acredita na realidade social, procurando escapar dessa opressiva realidade, por meio da imaginação e da sensibilidade; porém, como tal espírito é feito de profundas contradições, volta ainda seus olhos para a realidade presente, a crítica do mundo contemporâneo, como o próprio Jean-Jacques o faz. Como a propriedade, fonte da desigualdade entre os homens, provoca a corrupção humana, ocorre a necessidade de se exaltar a simplicidade, exteriorizar a voz da alma e da consciência, escondidas no interior de cada ser humano em sua criatividade original (MILANEZE, 2000, p. 1).

perspectiva, conforme Bosi (2017, p. 110), “[...]assumem um sentido quando postos na constelação cultural e ideológica a que servem”.

Autores como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira dialogam com a produção de Gonçalves Dias, pois se utilizam de características como o canto do índio e da natureza (paisagismo) a partir da conexão entre os românticos e parnasianos (BOSI, 2017).

Gonçalves Dias conferiu com suas produções caráter nacional à literatura brasileira por ser um dos representantes mais presentes da primeira geração romântica, marcada pelo Indianismo e Nacionalismo.

Sua obra poética foi marcada pela figura dos índios, devido ao contato com os mitos, lendas e costumes, até mesmo da fusão com o branco, seu colonizador, todo o cenário de vida dos indígenas abarcou um vasto campo de representação simbólica. Ao seu lado, na prosa, escritor José de Alencar também se utilizou das temáticas indígenas para retratar, por meio da literatura, o abasileiramento de nossa cultura.

O poeta se destacou na produção de poemas líricos e épicos por tratar de temas voltados à terra natal, à paisagem e assuntos nacionais que incorporou por meio da poesia uma oficialização da literatura brasileira. De acordo com Bosi (2017, p. 114),

a lírica de Gonçalves Dias singulariza-se no conjunto da poesia romântica brasileira como a mais literária, isto é, a que melhor exprimiu o caráter mediador entre os polos da expressão e da construção. O poeta de ‘I- Juca pirama’ é o clássico do nosso Romantismo: enquanto fonte de temas e formas de segunda e terceira geração; enquanto ‘poets’ poet”, alvo das preferências críticas de poetas tão díspares entre si como Bilac, Machado de Assis e Manuel Bandeira.

Desse modo, outra de suas produções, ponto alto de suas obras e marca o Indianismo brasileiro, é o poema *I-Juca Pirama*, que narra a história entre pai e filho envolvidos por uma maldição que os leva à morte. É uma das maiores obras-primas da poesia brasileira, devido ao caráter lírico, à linguagem utilizada, ao conteúdo emocional que retrata a narrativa e o diálogo entre os personagens traçando um caráter sublime da narrativa em versos.

No curto espaço de sua vida, Gonçalves Dias percorreu vários lugares através de viagens de barco. Passou boa parte da sua vida viajando em navios, seja a vela ou a vapor, durante suas viagens, o poeta aproveitou para escrever a respeito da sua identidade e da identidade nacional através dos poemas “numa perspectiva fronteiraça”,

teve oportunidade de “criar e recriar” seus poemas, pois a identidade criada pelo Romantismo incitava que “falar de si era falar de sua nação” (LIMA, 2014).

Lima (2014) afirma que, na obra do poeta, são retratadas reflexões a respeito da representação simbólica construída por meio do Nacionalismo da poesia, a opção pela temática do índio. Para a autora,

Gonçalves Dias e os demais intelectuais brasileiros da época não tinham alternativa a não ser procurar essa origem no elemento nativo – o índio. Era essa ‘origem misteriosa’ do povo brasileiro que o Império tinha interesse em reconstituir, ou melhor, em reconstruir – interesse este manifesto pelas ações do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil para reunir documentos e estudos sobre os índios. Era a narrativa da nação brasileira que nascia e elegia seus elementos simbólicos (LIMA, 2014, p. 3).

Portanto, o poeta Gonçalves Dias foi um dos representantes do Romantismo brasileiro pela sua obra lírica, épica e indianista que contribuiu para a construção de uma identidade nacional através da literatura. Juntamente com José de Alencar, na prosa, e Gonçalves Dias, na poesia constituiu caráter nacional à nossa literatura, tendo em vista o índio como herói nacional.

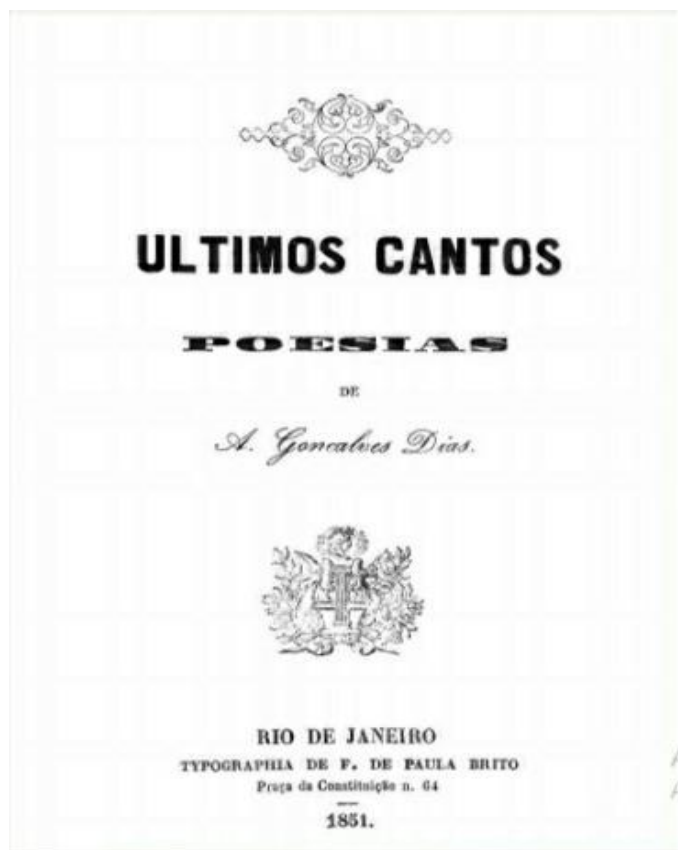
Buscou-se apresentar um breve cenário a respeito da vida e obra do autor para o conhecimento ainda que sintético do poeta indianista brasileiro que muito contribuiu para a literatura brasileira que com sua literatura legitimou a figura do índio como herói nacional. A seguir, apresentou-se análise a respeito da obra *Últimos Cantos*, de Gonçalves Dias.

2.3 *Últimos Cantos*: modelo do orgulho patriótico

A obra *Últimos Cantos: poesias* foi publicada no ano de 1851 de autoria de Gonçalves Dias, na cidade do Rio de Janeiro, pela editora Typographia de F. de Paula Brito. O livro é uma coletânea de poemas que segue o modelo da obra *Primeiros Cantos* de mesma autoria.

A obra contém 299 páginas e alguns dos poemas mais conhecidos do autor estão descritos como: *I-Juca Pirama*, *Marabá* e *Canção do Tamoio*, entre outras. A seguir, a imagem que corresponde à folha de rosto da obra que se tornou de domínio público.

Figura 1 – Folha de rosto da obra *Últimos Cantos* (1851)



Fonte: Dias (1851)

A poesia de Gonçalves Dias é caracterizada pela presença de ritmo, métrica e rimas. A obra possui mais de 50 poemas e é dividida em três partes intituladas: Poesias americanas, poesias diversas e hinos.

Na primeira parte – *Poesias americanas* – aborda sobre a América, isto é, o Brasil, composto de sete poemas a respeito do índio e de sua cultura. Portanto, no Romantismo o índio passa a ser romantizado, a figura do índio construído a partir da imagem do homem branco.

A segunda parte da obra – *poesias diversas* – como o próprio adjetivo utilizado por ele representa, os poemas são de temas variados, são quarenta e cinco poemas de temas que vão desde o amor sofrido (não concretizado), à morte, à infância, cidade natal. Retratam a variedade de temáticas abordadas voltadas para a nação e o índio. Segundo Bosi (2017, p. 95), são justamente essas temáticas abordadas pela estética romântica da primeira geração, a saber:

O amor e a pátria, a natureza e a religião, o povo e o passado, que afloram tantas vezes na poesia romântica, são conteúdos brutos,

espalhados por toda a história das literaturas, e pouco ensinam ao intérprete do texto, a não ser quando postos em situação, tematizados e lidos como estruturas estéticas.

A terceira parte da obra – *Hinos* – contém quatro poemas intitulados: *O meu sepulcro, a harmonia, a tempestade e saudades*. Os poemas sofrem alterações de sílabas poéticas numa sequência de metrificação, por exemplo, o poema *tempestade* começa por duas sílabas, três, quatro, cinco, seis e sete, após isso ele inverte a ordem causando o efeito de tempestade (chuva) por meio da linguagem. Dessa forma, Candido (2000, p. 73), ao se referir a lírica de Gonçalves Dias, apresenta que o verso do autor é caracterizado por uma visão europeia e pitoresca sobre o índio, “[...]o medievismo, idealismo e etnografia fantasiada nos aparece como construção lírica e heroica, de que resulta uma composição nova para sentirmos os velhos temas da poesia ocidental”.

O livro *Últimos cantos*, nesse molde romântico, reflete a produção da geração indianista da primeira fase do romantismo brasileiro. Gonçalves Dias se utilizou da lírica para propor um diálogo entre o novo mundo numa perspectiva diferente a respeito do índio. Inspirado nos poetas europeus com a ideia do bom herói, os românticos da geração tendem ao Nacionalismo para retratar esse herói a partir da construção do índio ao retorno à mãe-natureza, ao bom selvagem, às relações românticas como devaneio, imaginação, solidão e refúgio ao nosso passado estabelecendo a relação com novo mundo (BOSI, 2017).

Devido ao resgate europeu que se disseminou pelo Brasil por meio das produções, a representação de uma cultura genuinamente brasileira é colocada em voga a noção do exílio e de valores europeus presentes no nativo brasileiro. De acordo com Lima (2014, p. 9), a ideia dessa construção parte “[...]do projeto de construção da identidade nacional pelo indianismo se coaduna à memória e também ao aprendizado que teve no contato com o Romantismo europeu, naquilo que em sua obra se aproxima dos modelos medievais de virtude e de guerreiro”.

Um dos poemas mais conhecidos do poeta Gonçalves Dias, *I-Juca-Pirama* se encontra na primeira parte da obra em *Poesias americanas*, terceiro poema pela ordem dos poemas na obra. O poema conta a história do guerreiro da tribo Tupi, que é capturado pela tribo dos Timbiras e eles decidem inicialmente realizar um ritual de canibalismo e devorar o índio capturado. Entretanto, o jovem guerreiro demonstra

cuidado com o seu pai que se encontra velho e cego, assim, pede que seja solto na condição de que após a morte de seu pai ele volte a ser prisioneiro.

O poemeto *I-Juca Pirama* possui 484 versos subdivididos em 10 cantos, o título refere-se a uma expressão da língua tupi que significa “aquele que vai ser morto”. O drama da narrativa em versos refere-se à obrigação do filho em cuidar de seu pai já de idade avançada, por conta disso, ele apresenta à tribo inimiga tal situação antes de ser sacrificado por meio do ritual. Dessa forma, o cacique da tribo resolve soltá-lo, no entanto, não o quer de volta devido a sua fragilidade, pois eles não podiam comer carne de um homem fraco como o jovem guerreiro capturado.

Ao saber da história, o pai do jovem guerreiro imediatamente solicita que seu filho retorne e aceite o sacrifício, pois o seu filho não pode ser um covarde, já no final dos versos apresenta orgulho da bravura de seu filho em lutar até a morte com a tribo inimiga. De acordo com Lima (2014), a ideia de Dias em retratar tais questões na narrativa indicava que o autor passa a desconstruir a noção de antropofagia, pois aborda que o ritual de sacrifício só poderia ser feito com o índio que demonstrasse bravura e coragem, portanto, se o índio tivesse essas virtudes. Conforme ainda a autora,

As representações do exílio e do nacionalismo, entrelaçadas dialeticamente, demandam em Gonçalves Dias um estudo aprofundado de sua vida e de sua obra (também tão relacionadas) para o qual tentou-se, no presente ensaio, deixar um pequeno contributo, sem, no entanto, entrar em análises exaustivas. Buscou-se mostrar como o exílio voluntário do poeta em Portugal teve papel preponderante em sua visão da pátria, por meio do contraponto entre a memória do lugar natal, idealizado pela distância, e do espaço onde se encontrava, menosprezado, de certa forma, pela circunstância de o separar daquilo que ele considerava seu. Demonstrou-se como o mesmo processo ocorre quando de volta ao Brasil, passados alguns anos, manifesto numa representação positiva do ambiente português e negativa – em alguns textos – da terra natal; ponto em que se refletiu sob a perspectiva experiencial (LIMA, 2014, p. 13).

Para Ribeiro (2016), o poeta Gonçalves Dias ao retratar nos poemas a figura do índio desempenhou um trabalho relevante, primeiro por construir uma cultura intelectual em nosso país, segundo por fundar uma literatura que fosse nacional através de símbolos que representassem nossa pátria, ou seja, esses escritos tinha uma importante função de representar lá fora o projeto nacionalista do Brasil e aproximar as gerações da Europa às do nosso País. A tendência voltada para o nativismo simbolizou

um orgulho patriótico que vinha crescendo na mente da sociedade brasileira principalmente no que se refere à independência.

3 METODOLOGIA

Nesta seção são descritos os caminhos metodológicos adotados para a construção, desenvolvimento e finalização da pesquisa, com base em todas as etapas realizadas.

Para que o estudo fosse, de fato, efetivado, o tipo de pesquisa bibliográfica foi utilizado com a finalidade de analisar o processo de construção do herói nacional, partindo de uma revisão bibliográfica composta pelos principais autores da área e historiadores da literatura brasileira. Para isso, a pesquisa é baseada em estudos dos autores Bosi (2017) e Candido (1999; 2000), entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

Como objeto de pesquisa foi selecionada a obra *Últimos Cantos*, de autoria de Gonçalves Dias (1823/1864), especificamente *I-Juca Pirama*, um dos poemas integrantes da obra. A mesma foi escolhida por ser símbolo da construção da identidade brasileira e pela construção do herói. O estudo teve caráter essencialmente qualitativo.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à nossa temática.

Desta forma, recorreu-se à pesquisa em livros, artigos, monografias, revistas eletrônicas, *sites* especializados com o objeto de pesquisa, dentre outros meios.

Visto que a abordagem metodológica que conduziu esta pesquisa foi a qualitativa, entende-se, segundo Triviños (1987, p. 132) que este tipo de abordagem é:

[...] uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc.)

No que diz respeito aos caminhos utilizados no corpo do texto, o início se dá pela apresentação do tema e, em seguida, pelo objetivo geral e objetivos específicos, prosseguindo pela apresentação do problema da pesquisa que levou ao seu desenvolvimento. Posteriormente, a apresentação e contextualização do tema, assim como os caminhos trilhados até os resultados obtidos a partir do problema inicial foram explorados através da exposição das ideias dos autores selecionados.

4 I-JUCA PIRAMA COMO TRAMA TEXTUAL DE PROMOÇÃO DO NACIONALISMO E DO INDIANISMO BRASILEIRO

Nesta seção, abordamos como a narrativa do poema *I-Juca Pirama* se estrutura tendo em vista o nacionalismo brasileiro. Apresentamos a análise detalhada de cada canto correspondente ao poema e como tais características se constroem de acordo com o personagem central e o desenrolar de sua trama.

A promoção do nacionalismo e indianismo brasileiro na narrativa foi descrita através da análise relacionada à discussão com outros trabalhos acadêmicos e/ou obras que retratem a temática pesquisada. Desse modo, apresentamos os resultados da pesquisa associados aos objetivos propostos e à problemática inicial com o intuito de responder tal questão.

4.1 I-Juca Pirama e a construção do nacionalismo brasileiro

Nessa seção, buscamos apresentar a construção do nacionalismo brasileiro no poema, partir da análise e discussão dos resultados pautados nos teóricos apresentados na fundamentação.

O *corpus* da pesquisa são alguns trechos do poema, composto na íntegra de 10 cantos, a escolha desses trechos se refere a aspectos essenciais da constituição da identidade brasileira, uma identidade nacional que resgata valores e costumes do povo indígena, desse modo, suscita o amor exacerbado pela pátria, pela valorização de suas raízes.

O poema *I-Juca pirama* como poema épico foi importante para representar a cultura nacional por meio da construção de uma literatura verdadeiramente brasileira – indianista –, sendo uma das obras mais bem elaboradas do nosso romantismo brasileiro.

Segundo Candido (2000), a obra demonstra o orgulho nacional do poeta com a representação da pátria inspirada na bravura do herói indígena. A obra apresenta como temática o modo como funcionam os valores de honra para o povo indígena, esse personagem principal representa “a essência da etnia indígena brasileira” conforme Silva (2014).

O poema é narrado em terceira pessoa por um índio da tribo timbira que narra as peripécias de um guerreiro tupi. Assim, o narrador em nuances se apresenta de maneira direta e na maioria das ocorrências de maneira indireta, sendo onipresente e onisciente.

O canto I apresenta o cenário da natureza em que vivem a tribo dos Tupis. As três primeiras estrofes citadas abaixo apresentam rimas AABCCB que descrevem a tribo do jovem guerreiro, são atribuídas características da natureza ao se referir aos troncos, flores, rios, as matas, isto é, ao cenário em que os embates acontecem

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudes, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

Quanto ao contexto social em que o canto foi escrito, já havia acontecido a diminuição drástica dos índios pelos portugueses por conta da colonização, devido ao posicionamento em que o narrador dos versos apresenta seu canto de luta diante deste cenário, podemos identificar o desenho de uma revolta por parte do índio:

IV

Da tribo pujante

que agora anda **errante**
 Por fado **inconstante**,
 Guerreiros, nasci
 Sou bravo, sou **forte**,
 Sou filho do **Norte**;
 Meu canto de **morte**,
 Guerreiros, **ouvi**.

Novamente podemos identificar a rima presente nos versos destacados e a repetição de termos para enfatizar.

Segundo Ribeiro (2016), a construção do nacionalismo parte de um Brasil que é fruto de uma cultura híbrida, que se utiliza da representação simbólica do índio assim como fizeram com o cavaleiro medieval na Europa, a partir de uma idealização para exaltarem a figura do cavaleiro como herói com o intuito de formar uma identidade nacional nos modelos do romantismo europeu, entretanto, não como uma imitação na literatura e sim como uma construção de algo genuinamente brasileiro em nossa literatura que veio a representar no índio o caráter nacional.

No canto II é narrada a festa do ritual antropofágico do momento em que o guerreiro tupi é capturado e o medo do jovem diante do sacrifício devido a seu pai necessitar de seus cuidados.

Os versos são marcados por jogos sonoros que representam o som dos tambores por meio da linguagem como uma forma de representar o som do instrumento. Os ritmos vão sendo alternados de acordo com o desenvolver da narrativa, o jovem tupi que antes é preparado para morrer sendo devorado, resolve contar sua história e de seu pai, com o intuito que ele possa ser liberto, a seguir:

II

Que tens, guerreiro?
 Que temor te assalta
 No passo horrendo?
 Honra das tabas que nascer te viram,
 Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
 Revive o forte,
 Que soube ufano contrastar os medos
 Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
 Lá murcha e pende:
 Somente ao tronco, que devassa os ares,
 O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que ele caísse,
 Como viveu;
 E o caçador que o avistou prostrado
 Esmoreceu!

No canto III, o ritmo é empregado de maneira lenta. É feita uma apresentação do chefe dos Tupis e os versos são utilizados com algumas irregularidades que pairam entre decassílabos, a saber nos versos:

III

Eis-me aqui, diz ao índio prisioneiro;
 Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
 As nossas matas devassaste ousado,
 Morrerás morte vil da mão de um forte.

Vem a terreiro o mísero contrário;
 Do colo à cinta a muçurana desce:
 Dize-me quem és, teus feitos cantam,
 Ou se mais te apraz, defende-te.
 Começa O índio, que ao redor derrama os olhos,
 Com triste voz que os ânimos comovem.

No canto IV, o jovem guerreiro pede para a tribo inimiga que o soltem para que ele possa cuidar de seu pai, por isso, ele precisa do filho. E que depois de cuidar de seu pai durante a vida se entrega para que o ritual possa ser concretizado.

O ritmo presente neste canto é mais ligeiro que o anterior, pois tem como intuito apresentar o som dos tambores novamente. Alguns versos do seguinte canto, a seguir:

IV

Meu pai a meu lado
 Já cego e quebrado,
 De penas ralado,
 Firmava-se em mi:
 Nós ambos, mesquinhos,
 Por ínvios caminhos,
 Cobertos d'espinhos
 Chegamos aqui!

O velho, no entanto
 Sofrendo já tanto
 De fome e quebranto,
 Só queria morrer!
 Não mais me contenho,
 Nas matas me embrenho,

Das frechas que tenho
Me quero valer.

No canto V, apresenta a reação dos índios da tribo inimiga ao escutarem o apelo do jovem guerreiro que interpretaram seu pedido como um guerreiro covarde que não tem honra, logo, não é digno do sacrifício, visto que se comessem a carne de um homem covarde os guerreiros também se tornariam covardes, nos versos apontam o diálogo entre o chefe da tribo e do jovem:

V

És livre; parte!
— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... parte;
não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

No Canto VI, o jovem guerreiro é liberto e retorna a sua aldeia. Ao chegar lá, o seu pai ao tocar a cabeça do filho, começa a indagar o filho diante da situação, achando estranho também o cheiro de tinta sob seu filho, o pai desconfia que ele fugira de algum ritual, devido ao cheiro que vinha dele e a cabeça raspada.

Diante da situação, o seu pai e ele retornam à tribo inimiga e solicitam que o ritual seja finalizado por meio da cerimônia antropofágica. O chefe recusa, pois o jovem guerreiro ao chorar demonstrou covardia. A seguir nos trechos:

VI

Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correrá o filho,
Ele o via; ele o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
Era num ponto só, mas era a morte!

No canto VII são retratadas algumas declarações do chefe do Timbiras a respeito da fraqueza dos tupis, que os impedem de realizar a cerimônia antropofágica. Assim, o pai sente-se humilhado pela situação.

VII

Nada farei do que dizes:
É teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil sangue:
Ele chorou de covarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto.

Em seguida, no canto VIII mostra que pai se sente extremamente mal e considera o filho como um covarde diante da situação, desse modo, o pai utiliza-se de uma maldição contra seu filho. O poema se utiliza de rimas alternadas e paralelas que representam o cenário tenso em que a maldição é proferida:

VIII

Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidadoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, covarde, meu filho não és

No canto IX, antes de terminar de proferir a maldição, o jovem guerreiro enuncia o grito de guerra do seu filho, seu pai percebe, pelos sons, que seu filho está lutando para provar a honra do povo tupi, ao se debater com tamanha coragem, a guerra se finda ao cacique da tribo inimiga ver a valentia do jovem guerreiro.

E, no canto final, o canto X, o narrador da história é apresentado como um velho timbira que conta a lenda para crianças finaliza a narrativa com a expressão “meninos, eu vi”, o poema se fecha com um clima de serenidade apesar dos conflitos entre os povos, demonstrando como uma história que é contada, pois simboliza a honra do povo indígena, nos trechos:

X

Assim o Timbira, coberto de glória,

Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”

A construção de identidade nacional apresentada por meio de referências à natureza, ao povo indígena e suas culturas retratam a riqueza do poema na construção de um índio idealizado como figura romântica nacional.

Segundo Ribeiro (2016), a estética indianista baseia-se na ideologia do bom selvagem apresentada por Rousseau, como a figura do índio como um herói. Portanto, o índio é eleito como símbolo de nacionalidade com o intuito de valorizar o passado histórico marcado pela colonização e distorção de valores.

A identidade nacional, em cada um dos cantos, retoma características da cultura em que Gonçalves Dias tenta, por meio da linguagem, criar um cenário ambientado na história, cujas matas, rios, aldeias fossem retratados, no entanto, o foco é a construção do índio por meio de valores como honra e coragem, características essenciais para a figura idealizada do personagem na história.

4.2 *I-Juca Pirama* como suporte para a promoção do indianismo brasileiro

A representação do nacionalismo se constitui no século XIX com a figura do índio como personagem que simbolizava a figura patriota, o retorno às origens, a natureza, ao passado histórico demonstra que o romantismo trouxe à tona dois grandes mitos, conforme descreve Bosi (2017), “a nação e o índio”, pois o desenvolvimento nas narrativas da língua nativa, a cultura, seus costumes e o folclore que ambientava as histórias apresentavam a figura do índio como símbolo de nossa bandeira nacional, esses retorno ao povo indígena foi utilizado nos poemas e na prosa como ferramenta de “afirmação cultural”.

A promoção do indianismo brasileiro se deu inicialmente com a publicação da obra *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias através de alguns poemas contidos que descrevia o culto a figura do índio e suas tradições, suas lendas e embates. Alguns poemas como *I-Juca Pirama*, *Marabá*, *Canção dos Tamoios* são poemas que representam o indianismo brasileiro.

O processo de construção de identidade nacional estava ligado à literatura, apesar dessa construção iniciar em instituições sociais, na música, a constituição do nacionalismo se deu principalmente através das narrativas, sejam elas escritas em versos ou em prosa.

A legitimação do poema em questão traz à tona como a cultura do índio é retratada por meio dos versos ao longo dos dez cantos em *I - Juca Pirama*. Foi por meio da construção de uma literatura que cultivasse nossas raízes, portanto, da representação nacional que o indianismo ganhou força e se constituiu. De acordo com Silva (2014, p.7), a estética propunha construir a figura de um herói nacional, assim

O herói ideal aparece na figura do índio, um espírito nobre, com valores como honra, honestidade e lealdade. As obras produzidas exaltavam as belezas das palmeiras, às margens do Rio Amazonas, os costumes, a religião, as aves típicas como o sabiá e tudo de belo que possuía a região Brasileira. Em toda a cultura ocidental houve um interesse dos românticos pelas origens de seu país, de seu povo e de sua língua, um retorno às origens. No Brasil não foi diferente, sendo que aqui coube ao o índio o papel de nosso ancestral, idealizado pelo projeto nacionalista do Romantismo como a representação do elemento nativo, as verdadeiras origens, opondo-se ao português colonizador e sua cultura.

O romance indianista veio com o intuito de um projeto que retratasse o ideário nacional através da imagem idealizada do índio. Dessa forma, o índio foi eleito como representante nacional no Brasil, assim como os europeus fizeram com a figura dos cavaleiros medievais.

Com o intuito de se ter uma literatura nacional que não fosse mais uma imitação da europeia, entretanto, uma literatura autoral que tivesse o seu herói como símbolo de nossa cultura, a construção de uma identidade se deu para que o Brasil pudesse de uma vez por todas se desvencilhar das amarras que prendiam os seus escritos a referências que fossem europeias.

Assim, *I-Juca Pirama* é um dos poemas que representa o indianismo brasileiro pois a narrativa promove uma base utilizada como suporte com as características de um nacionalismo, são elas, retorno à cultura, a tradição, ao passado, as lendas e suas lutas. A linguagem utilizada no poema pontua expressões da língua tupi, que resgatam a identidade do povo através da escrita. O indianismo brasileiro, assim, apresenta-se como uma relevante ferramenta de construção de uma identidade nacional, que iniciou com romance indianista na literatura.

O herói nacional, conforme Silva (2014), e o narrador do poema ao cantar a história de um guerreiro, portanto, de sua nação, definem como a honra do guerreiro é reconquistada devido a sua força ao enfrentar toda a tribo, assim, como seu pai desejava.

A construção de uma nação por meio da relação entre pai e filho, perdão, desentendimento e alguns conflitos definem a narrativa como uma lenda contada entre os povos indígenas que marcou as duas tribos. Gonçalves Dias ao cantar esses versos nos apresenta o poema *I-Juca Pirama* que serviu de suporte para a promoção de um indianismo brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos refletir neste trabalho a respeito da construção do Nacionalismo no poema *I-Juca Pirama* escrito por Gonçalves Dias através de sua literatura indianista. Identificar a presença de uma identidade nacional que foi construída a partir de sua literatura representa descrever como a figura do índio como herói foi construída, com base nos moldes europeus a respeito da figura do herói.

De acordo com a problemática que norteou este estudo, com relação ao processo de construção do nacionalismo, na obra de Gonçalves Dias, com base no poema *I-Juca Pirama*, pode-se observar durante a análise de trechos do referido poema que a construção do nacionalismo se deu através do protagonista da narrativa como herói moldado pelas aventuras e (des)venturas na tribo inimiga por meio do enredo.

A linguagem utilizada pelo autor que traz termos do linguajar dos índios devido ao seu conhecimento sobre a língua foi utilizada como ferramenta para que esse nacionalismo se constituísse por meio da obra. Desse modo, o presente artigo cumpre o seu objetivo inicial de apresentar através da análise todo o processo de construção do nacionalismo brasileiro com base literária do poema *I-Juca Pirama*. 2A problemática é respondida pela descrição feita durante a análise dos trechos do poema, como também de outras informações que são adicionadas à discussão como a vida e obra do autor.

A respeito dos resultados da análise, apontam que o poema *I-Juca Pirama* foi um importante registro de expressão poética romântica da primeira geração, pois representa as tribos, seus costumes, suas crenças e seus rituais antropofágicos, assim, descreve uma parte da cultura indígena brasileira. A construção do índio através de

valores como honra, coragem e determinação simbolizam o efeito estético cultural da figura do herói nacional como salvador da pátria.

A trama apresenta, ao final dos cantos, caráter catártico devido ao jovem guerreiro provar não só para o seu pai como para a tribo inimiga sua coragem e honra se submetendo à luta para provar seus valores para eles.

Temas como rituais antropofágicos representam assuntos que provocam choque e uma mistura de emoções atreladas à história do personagem central. De um lado da narrativa, há o efeito estético do poema e, do outro lado, o elemento antropofágico. O autor propõe com os versos apresentar o rito de morte por meio do sacrifício e, assim, do conflito de comer carne humana como passagem desse ritual.

Buscamos apresentar como a construção da identidade nacional foi constituída por meio do poema analisado, da importância que Gonçalves Dias teve no cenário Nacionalista e Indianista. Apresentamos um breve resumo a respeito do autor, do movimento estético do Romantismo no Brasil, da primeira geração Indianista atrelada ao Nacionalismo e uma sintética revisão a respeito da obra em que o poema se encontra.

Portanto, o poema *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias é o marco da literatura Indianista no Romantismo brasileiro. O poema trata da figura do índio de maneira idealizada, visto como herói nacional, que representa sua nação. Há a presença de elementos da cultura indígena como símbolo da nação brasileira como o retorno as suas terras, rios, ou seja, da natureza. O poema épico narra a história de um “bom selvagem” como representante da cultura nacional.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.

CAMARA, Yzy Maria Rabelo. CAMARA, Yls Rabelo. O nacionalismo brasileiro e o indianismo em forma de poesia: a exaltação do eu-lírico feminino e do amor rechaçado em Marabá, Gonçalves Dias. **Revista Entrelaces**, v. 5, n. 7. jan.-jun. 2016.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

DIAS, Gonçalves. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

- DIAS, A. G. Canção do exílio. *In*: BANDEIRA, M. **Obras poéticas de Antônio Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: Nacional, 1944.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- KOTHE, Flávio R. Heróis altos. *In*: KOTHE, Flávio R. **O herói**. São Paulo: Ática, 1987.
- LEITÃO, Livia de Araújo; IPIRANGA, Sarah Diva da Silva. O herói: índice para desvendar o sistema social na narrativa. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, 2., 2011, Fortaleza. Semana de humanidades: entre fixos e fluxos., 8., 2011, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p. 1-11.
- LIMA, Renata Ribeiro. Representações de exílio e nacionalismo em Gonçalves Dias. **Revista Nau literária**: críticas e teorias de literatura. Porto Alegre, v. 10, n. 2, p-35-66, jul/dez, 2014.
- MACHADO, R C M. BARROSO, S L. ALMEIDA, R V de. A construção da cultura literária brasileira: Gonçalves Dias, o consolidador da identidade nacional na literatura do Brasil. *Revista de artes e humanidades: Contemporâneos*. n. 5, nov-abr, 2010.
- MILANEZE, Érica. **Rosseau e o romantismo**: algumas observações. São Paulo: UNICAMP, 2000.
- QUADROS, Aurora Cardoso de. Configurações simbólicas da Antropofagia. **Revista Desempenho**. n. 29, v. 2. 2018.
- RIBEIRO, Rondinele Aparecido. A contribuição da estética romântica para a construção da identidade nacional. **Porto das letras**, Paraná, v. 2, n. 2. p. 253-263, 2016.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- SILVA, Júlio Cezar Bastoni da. **Gonçalves Dias em dois tempos**. Itinerários, Araraquara, n. 40, p.295-299, jan./jun. 2015.
- SILVA, Francimeire Oliveira da. **I-Juca Pirama como exemplo do uso da literatura indianista na construção da nacionalidade brasileira**. 2014. 20 f. Monografia (Licenciatura em Letras Português) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ
ALBANO DEMACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
- Dissertação
- Monografia
- Artigo

Eu, Viviane Maria dos Santos, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação, LITERATURA INDIANISTA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO NACIONALISMO EM I-JUCA PIRAMA, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-Pi 28 de agosto de 2021

Assinatura